

CONSCIÊNCIA DA MITOLOGIA DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: AS REPRESENTAÇÕES NOS MUSEUS DE PELOTAS/RS

GABRIELA CAVALHEIRO RODRIGHIEIRO¹; NORIS PACHECO LEAL²

¹Universidade Federal de Pelotas – gabrielacavalheiro2009@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – norismara@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa está em desenvolvimento como Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas. A presença da cultura Afro-brasileira é significativa desde a chegada dos povos africanos na cidade, e segue resistente até os dias de hoje, no qual, além das crenças e rituais religiosos, contribuíram com a mão de obra nas construções de edificações, na arte, na música, na culinária. Levando em consideração a representatividade da cultura Afro na construção de Pelotas, percebe-se nos museus da cidade, a pouca representação das referências Africanas, especialmente, as crenças, as práticas dos rituais da religiosidade que, são bastante expressivos na cultura Afro-brasileira.

Desta forma, esta pesquisa, tem como tema “A representação da Mitologia das Religiões Afro-brasileiras nos museus de Pelotas”. O objetivo geral busca Identificar como é realizada a representação da Mitologia da religião Afro-brasileiras nos museus da cidade de Pelotas e os objetivos específicos se concentram em apresentar a importância da cultura afro-brasileira na construção da cidade; difundir os fundamentos, rituais e crenças das religiões Afro-brasileiras; analisar a representação da mitologia da religião Afro-brasileira nas exposições dos principais museus da cidade; Compreender o porquê da ausência da representação da religião Afro-brasileira nos museus.

2. METODOLOGIA

A intenção é que este trabalho seja desenvolvido, por meio de uma pesquisa qualitativa, em que será utilizada a pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo. Na pesquisa bibliográfica serão priorizados autores que apresentam interação com o tema, sendo os principais: Mário Maestri Filho (1984); Ester Gutierrez (1993); Mircea Eliade (1992), Carla Silva de Ávila (2011) e Roger Chartier (2002); Janaína Cardoso de Mello (2013). A pesquisa documental será feita nas instituições a serem pesquisadas, dentre elas, o Museu Municipal Parque da Baronesa, Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo - MALG, Museu da Biblioteca Pública, Charqueada São João e Museu do Doce da UFPel. Por fim, a pesquisa de campo, será feita nas Instituições e nas Casas de Santo, onde serão coletados os dados, através de depoimentos orais (entrevistas semiestruturadas e questionários com perguntas fechadas) e, as análises expográficas. No entanto, como o trabalho ainda está em andamento, este resumo se concentra somente em uma pesquisa bibliográfica, através da coleta de informações relevantes para a temática proposta.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Maestri Filho (1984) a escravidão no Brasil surgiu por meio de uma necessidade econômica, onde os proprietários de fazendas,

necessitavam de mão de obra barata para o trabalho pesado. No século XVI a atividade econômica, que gerava as grandes fortunas dos senhores no Brasil – especialmente os Portugueses, era através da plantação em larga escala, por meio do açúcar, já no século XVI, que posteriormente se expandiu através da atividade mineradora (século XVII) e o café (século XVIII), essencialmente por meio da mão de obra de origem escrava.

Segundo Maestri Filho (1984), similarmente as demais regiões do Brasil, no Rio Grande do Sul, o negro também veio para executar o trabalho escravo e os primeiros registros foram feitos por João Machado Ferraz, onde entre 1738 a 1753 constam cerca de 977 registros de negros escravos no Rio Grande do Sul. Embora a sesmaria de Pelotas ter sido doada em 1758 ao Coronel Tomás Luís Osório (GUTIERREZ, 1993), a cidade tornou-se vila em 1812 e elevada à condição de cidade somente em 1835. Apesar disso, os negros escravos já residiam na cidade antes mesmo de Pelotas tornar-se Vila, sobretudo, por meio de trabalho nas charqueadas e colaborando para a construção e consolidação de Pelotas como cidade. Tais apontamentos, são confirmados, pois segundo Gutierrez (1993), Pelotas, em 1811, tinha a população de 2.119 habitantes e, em 1814, cerca de 2.419, onde constam os primeiros registros oficiais sobre a quantificação de etnias, especialmente dos negros escravos, onde:

“Destes, 712 – o que representava 29,44% - eram brancos de ambos os sexos; 105 – 4,30%-, indígenas; 232 – 9,59%-, livres, de cor; 1,226, escravos de ambos os sexos, correspondendo a 50,68% e 144 – 5,95%-, recém-nascidos. A estatística não contou os ditos pardos, mas revelou a maioria escrava e, mais ainda, de descendência africana. (GUTIERREZ, 1993, P. 144)

Quando os negros chegaram no Brasil, se considera que estes, não trouxeram nenhum bem material, mas carregavam consigo a sua ancestralidade e uma grande riqueza cultural que influenciou na cultura brasileira. A religião Afro-Brasileira, pode ser considerada como uma das principais riquezas culturais difundidas pelos negros no Brasil. No entanto, atualmente, essas religiões em seus cultos, são alvos de intolerância religiosa, possivelmente associadas pela falta de políticas públicas e pela falta de conhecimento sobre o oculto em torno da cultura Afro-Brasileira que permeia, principalmente, nas crenças, práticas, ritos e cultos das religiões de matriz Africana. A pouca representação das Mitologias das religiões Afro-Brasileira nas discussões históricas da cidade de Pelotas, evidencia supostamente, uma carência de conhecimento sobre a própria história dos negros na cidade, gerando conflitos etno-raciais:

“Os museus históricos, em geral, impermeáveis às contendas sobre os usos e abusos do passado em suas narrativas lineares, permeadas por esquecimentos planejados de períodos de contraposição à “ordem” são pressionados pelos novos ventos de mudança.” (MELLO, 2013)

Com base na construção histórica de Pelotas, há uma necessidade de buscar o reconhecimento da história da cultura Afro-Brasileira, sobretudo, das religiões de matriz Africana, que embora expressiva, ainda é pouco compreendida, o que a torna complexa, especialmente para os que não são adeptos da religião (ÁVILA, 2011). Neste trabalho, a abordagem das religiões afro-brasileiras será correlacionada ao termo “mitologia” que representa o estudo do mito. Para Eliade (1992, p.50), “o mito conta uma história sagrada [...] mas contar uma história sagrada equivale a revelar um mistério, pois as personagens do mito não são seres humanos: são deuses ou Heróis civilizadores”. Ainda

assim, Eliade (1992, p.51) considera que o mito aborda realidades sagradas e desta forma, “desvenda a sacralidade”, descrevendo às “dramáticas irrupções do sagrado do mundo”. Quando se pensa na representação da mitologia:

A memória pessoal não entra em jogo: o que conta é rememorar o acontecimento mítico, o único digno de interesse, porque é o único criador. É ao mito primordial que cabe conservar a verdadeira história, a história da condição humana: é nele que é preciso procurar e reencontrar os princípios e os paradigmas de toda conduta. (ELIADE, 1992, P. 53)

Ao ponderarmos o conceito de mitologia à representação museológica, se considera que é possível a comunicação através de objetos e simbologias, o que de maneira expográfica, pode ser inserida dentro dos conceitos e parâmetros museológicos, já que tais culturas afros devem ser representadas e não praticadas dentro dos Museus. Desta forma, as lutas por representações, devem apresentar tanta importância quanto as demais, pois, contribuem para: “compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, o seu domínio” (CHARTIER, 2002, p.17). Ainda de acordo com Chartier (2002), o conceito de representação está diretamente associado às possíveis ausências e presenças e essa distinção reflete a forma de como a representação é manifestada:

A representação como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radial entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro lado, a representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou alguém (CHARTIER, 2002, P. 20)

Para Chartier (2002) as representações associadas ao mundo social, ainda que busquem uma universalidade, estas, sempre serão determinadas e sobretudo proliferadas de acordo com o seu grupo de interesse:

“As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.” (CHARTIER, 2002, P.17)

Quando o conceito de representação é associado ao campo museológico, Scheiner (2008) considera que a existência de um museu além de se justificar pelo seu acervo, excelência técnica e interesse do público, é assegurado, também, pela representação. Por isso, Scheiner (2008) considera que a própria teoria museológica vem procurando entender como se dá as representações dentro dos museus:

“a teoria museológica vem tratando de estudar essa poderosa representação, que tem sua origem no universo simbólico de grupos sociais que serviram de matriz ao que se denominou ‘pensamento ocidental’. E é assim que precisamos compreender o Museu, se desejamos verdadeiramente vê-lo como processo. (SCHEINER, 2008, p.38)

Além disso, a própria conceituação do que é um museu, de acordo com Scheiner (2008), também está atribuído ao que é representado e como é representado. Desta forma, quando se pensa em grupo sociais dentro das instituições museológicas, sempre se associa a ideia de representação, pois, as

representações quase sempre buscam expor valores e visões de mundo pois contemplam um grupo ou uma sociedade em um determinado tempo e espaço.

4. CONCLUSÕES

Embora existam trabalhos sobre os negros, nota-se que a abordagem específica sobre a religião afro-brasileira nos Museus da cidade de Pelotas, não é estudada tampouco enfatizada nas pesquisas acadêmicas, o que torna este trabalho inovador nas discussões acadêmicas no município. Dessa forma, esta pesquisa, além de compreender as representações das mitologias das religiões afro-brasileiras, também busca evidenciar a possível ausência dessas representações dentro das instituições museológicas da cidade. Este estudo, tem a intenção de enfatizar a importância da abordagem das mitologias das religiões afro-brasileiras nos Museus de Pelotas, de modo que possa ampliar a significativa relevância da cultura afro na sociedade pelotense.

Por fim, como a pesquisa está em andamento, muitos dados não foram coletados ou pesquisados, o que proporciona, até o presente momento, uma pesquisa bibliográfica, com a apresentação de alguns conceitos que serão abordados e defendidos no trabalho. A previsão, é que a pesquisa seja concluída em 2020 e o TCC seja defendido em 2020/01 e por meio dele, sejam apresentados os resultados acerca da representação da Mitologia das Religiões Afro-brasileiras nos museus de Pelotas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVILA, Carla Silva de. **A princesa batuqueira: etnografia sobre a interface entre o movimento negro e as religiões de matriz africana em Pelotas/RS**. 2011. 190p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Sociologia e Política. Universidade Federal de Pelotas.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Aglès – Portugal: Difel, 2002.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o Profano**. São Paulo: Fontes, 1992.

GUTIERREZ, Ester. **Barro e sangue: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1888)**. 1999. 550p. Tese (Doutorado em História do Brasil) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

MAESTRI FILHO, Mário José. **O escravo no Rio Grande do Sul – A charqueada e a gênese do escravismo gaúcho**. Porto Alegre: Editora da Universidade Caxias do Sul, 1984.

MELLO, Janaína Cardoso de. A representação social da escravidão nos museus brasileiros: interfaces entre a Museologia e a História. **Sankofa (São Paulo)**, 6(10), 43-59, 2013.

SCHEINER, Tereza. O Museu como processo. In: **Caderno de diretrizes museológicas 2**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008. 152 p. 35-47